



Arquivo enviado em  
23/04/2017  
e aprovado em  
04/07/2017.

V. 7 - N. 13 - 2017

\* Doutor em Estudos de Linguagem e Professor na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Email: [ivanaldosantos@yahoo.com.br](mailto:ivanaldosantos@yahoo.com.br).

\*\* Bacharel e Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Email: [alinemicaelly2014@gmail.com](mailto:alinemicaelly2014@gmail.com).

## **A Figura de Padre Cícero na Literatura de Cordel: Interdiscurso e Ethos**

The Figure of Civil Parent in the Cordel  
Literature: Interdiscourse And Ethos

*Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho\**

*Francisca Aline Dias\*\**

### **Resumo**

O presente estudo tem por objetivo analisar o interdiscurso e o ethos discursivo na concretude da literatura de cordel, observando, dentro do discurso do enunciador, como o ethos de Padre Cícero é construído. Nesse intento, partiremos do seguinte questionamento: Como se dá a construção do ethos discursivo da figura de Padre Cícero na Literatura de Cordel? Para isso teremos como corpus de pesquisa dois folhetos de cordel que tem como título Cinco respostas para cinco perguntas sobre Padre Cícero, Batista (1998); Padrim Cícero, o Cearense do século, Santos (1963). Esse estudo é orientado a partir das teorias da análise do discurso de vertente francesa, sobretudo os estudos de Dominique Maingueneau (1989, 2000, 2008, 2015). Já no que diz respeito aos estudos da Literatura de Cordel buscaremos apoio em autores como Potier (2013), Acopiara (2012), Slater (1984). Assim, a partir das nossas análises observamos que na concretude da Literatura de Cordel há um espaço interdiscursivo, no qual

o mesmo é responsável pela resignação da imagem de Padre Cícero, assim como verificamos que o ethos de Padre Cícero, é um ethos pré-construído.

**PALAVRAS – CHAVE:** Ethos discursivo; Literatura de Cordel; Padre Cícero

## Abstract

This study aims to analyze the interdiscourse and Discursive Ethos in the concreteness of the Cordel literature, noting, in the speech of enunciator, as the ethos of Father Cicero is built. In this attempt, we leave the following question: How does the construction of discursive ethos of the figure of Padre Cícero on Cordel literature? For this we corpus of research are two cordel booklets that title Five responses to five questions on Father Cicero Batista (1998); Padrim Cicero, the Cearense do século, Saints (1963). This study is oriented from the theories of discourse analysis of French side, particularly the studies of Dominique Maingueneau (1989, 2000, 2008, 2015). Already with regard to the studies of the Cordel literature will seek support in authors like Potier (2013), Lages (2012), Slater (1984). So, from our analysis we observe that in the concreteness of the Cordel literature there is a interdiscursivo space, in which the same is responsible for the resignation of the image of Father Cicero, as well as that the ethos of Padre Cícero, is a pre-ethos built.

**KEYWORDS:** Discursive Ethos; Cordel literature; Father Cícero

## 1 Introdução

**T**omamos como base teórica os estudos da análise do discurso de vertente francesa, mais especificamente os estudos de Dominique Maingueneau no tocante aos estudos do discurso e temos como objetivo analisar o interdiscurso e o ethos discursivo na literatura de cordel, bem como observar dentro do discurso do cordel como o ethos de Padre Cícero é construído. Para alcançar os objetivos propostos, esse estudo apresenta a seguinte distribuição: 1) Interdiscurso e ethos discursivo, momento no qual apresentamos a fundamentação teórica desse estudo; 2) A figura de Padre Cícero Romão, parte em que mostramos uma breve historicização da vida de Padre Cícero Romão

Batista; 3) Literatura de Cordel, parte na qual dissertamos sobre a gênese do folheto até sua chegada aqui no Brasil; 4) A figura de Padre Cícero na Literatura de Cordel: interdiscurso e ethos compreende a análise do corpus desse estudo, em conformidade com os objetivos definidos.

No tocante à constituição do corpus, é pertinente esclarecer que fazem parte do Museu de Cultura Sertaneja, situado na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, mais precisamente, no campus Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia, na cidade de Pau dos Ferros – RN. O corpus é constituído de dois folhetos raros, Cinco respostas para cinco perguntas sobre Padre Cícero, Batista (1998); Padrim Cícero, o Cearense do século, Santos (1963).

Partindo do pressuposto que o interdiscurso para Maingueneau é composto por uma tríade que compreende o universo discurso, o campo discursivo e o espaço discursivo, buscaremos observar se os folhetos de cordel conseguem se inserir em algum campo discursivo, bem como identificar como o ethos da figura de Padre Cícero se constrói na materialidade discursiva dos folhetos de cordel.

## 2 Interdiscurso e Ethos Discursivo

Em meio a um universo que perpassa tanto as questões linguísticas como as sociais é preciso levar em consideração que os sujeitos estão ancorados em discursos que se constituem na sociedade. Para Maingueneau (2000, p. 05) esses discursos constituintes definem um espaço em processo de estabilização de pesquisa com fronteiras estabelecidas. Logo, esses discursos possuem uma função social que ganham sentido posto na coletividade, como por exemplo, o discurso religioso, o político e o literário. Embora para que esse discurso constituinte de fato se consolide é preciso uma validação, isto é, é necessário que o sujeito inserido nessa comunidade discursiva retome a outros discursos para legitimar o seu enunciado. Como afirma Maingueneau (2000, p.05).

Os discursos constituintes possuem, com efeito, um

estatuto singular: zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras. Discursos-limite, situados sobre um limite e lidando com o limite, eles devem gerar textualmente os paradoxos que implicam seu estatuto. Junto com eles vêm à tona, em toda sua acuidade, as questões relativas ao carisma, à encadernação, à delegação do Absoluto: para não se autorizarem apenas por si mesmos, devem aparecer como ligados a uma fonte legitimante.

Enxerga-se, portanto nessa premissa que é necessário um envolvimento positivo entre as comunidades discursivas no sentido de que o discurso circule, e de que os sujeitos inseridos nessas comunidades se reconheçam nesse discurso.

Com o objetivo de trabalhar com questões voltadas para o cerne do discurso, Maingueneau propõe o primado do interdiscurso. De acordo com Maingueneau (1989, p. 113) “o interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento”.

Para Maingueneau (2000, p. 05) o interdiscurso é o “princípio central da análise do discurso”, no entanto, isso só é possível porque o “interdiscurso é entendido como uma interação entre os discursos, o que implica um tipo de análise em que a identidade discursiva é definida a partir da interdiscursividade, isto é, da relação do discurso com o seu outro”. (BRUNELLI, 2008, p. 14).

É a partir disso, que se entende o discurso como um complexo conjunto de relações linguísticas, portanto, um produto linguístico e socio-cultural, já que o interdiscurso para ser compreendido necessita de uma responsividade, isto é, se apoia e se apropria de outros discursos, como corrobora Maingueneau (2000, p. 05).

[...] a identidade de um discurso se constrói e se alimenta através de outros discursos; falar é sempre falar com, contra ou por meio de outros discursos, outras vozes. Portanto, a relação de um texto consigo mesmo e sua

relação com outros, ou seja, do “intradiscurso”, com o “interdiscurso”, não podem ser dissociadas. Muitos fenômenos textuais podem ser interpretados à luz do primado do interdiscurso: a pressuposição, a negação, as citações, o modo e o tempo, a ironia, a paródia, etc.

Nesse recorte, o interdiscurso está atrelado, como dito anteriormente, a uma diversidade interdiscursiva, que é capaz de ligar um discurso ao outro. Nesse viés, Charaudeau e Maingueneau (2016, p.286) reafirmam que “o interdiscurso é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos que mantém relações de delimitação recíproca com outros discursos”.

Porém é necessário certo cuidado, embora sendo o discurso do mesmo campo discursivo, isso não significa que tenha relação de proximidade com outros discursos desse mesmo campo o que Maingueneau (2008) chamará de hierarquia instável. Nesse intento, é possível perceber que Maingueneau (2008) propõe que se estabeleça uma conexão discursiva, por isso coloca que os discursos não se situam no mesmo plano.

Com o intuito de situar os interdiscursos como sendo fruto de dimensões advindas da relação discursiva com o outro, Maingueneau (2008) pressupõe que:

- i. O interdiscurso antecede o discurso;
- ii. As relações interdiscursivas são resultado do encadramento entre os processos discursivos existentes da troca discursiva com o outro;
- iii. É necessário que exista um sistema de controle semântico coletivo para dar conta do interdiscurso;
- iv. O sistema de restrições semânticas deve ser obsequiado por paradigmas interdiscursivos, uma vez que não há necessidade de regras que permitam interpretar enunciados

que são resultados de formações discursivas;

- v. Os discursos devem ser analisados não somente como um sincrônico textual, mas como uma prática discursiva;
- vi. As atividades interdiscursivas, além de serem um conjunto de enunciados, podem ser consideradas práticas inter-semióticas;
- vii. Os métodos de sistema de restrição não são uma forma de desagregação entre as práticas discursivas e os ambientes sócio histórico.

Em face a esses preceitos Maingueneau (2008) propõe uma tríade para sistematizar um conceito tão ermo, são elas: universo discursivo, campo discursivo e espaço discurso.

De acordo com Santos (2016, p. 36) “no universo discursivo está incluído um amplo conjunto de formações discursivas distintas, caracterizadas por uma diversidade de discursos com funções sociais diferentes”. Assim o universo discursivo é pontuado pelas marcas heterogêneas das formações discursivas que por sua vez fazem um recorte cronológico. Nessa conjectura, entende-se por universo discursivo um agrupamento de formações discursivas que mutuamente interagem em um dado ambiente.

Já o campo discursivo é constituído por uma conjuntura discursiva na qual os discursos se materializam, embora como enfatiza Maingueneau (2015, p.68) seja necessário reconhecer que apenas os discursos de cunho político e religioso se configuram como um espaço discursivo que está imerso em uma lógica de campo, já que há uma tomada de posicionamento que possivelmente implica em uma preservação de faces.

Já o campo discursivo é constituído por uma conjuntura discursiva na qual os discursos se materializam, ora se opondo, ora se apoiando. De acordo Charaudeau e Maingueneau (2016, p.392) “o campo discursivo

sivo deve ser compreendido como sendo um conjunto de formações discursivas”, e que, portanto estão em um mesmo patamar, ou seja, desempenham a mesma função social. De tal modo, o campo discursivo “reúne formações discursivas vinculadas ou passíveis de serem analisadas de modo concomitante, seja porque se apoiam uma ou na outra, ou porque se voltam para um mesmo objeto” (SANTOS, 2016, p.36). Já o espaço discursivo se caracteriza como uma superfície linguística na qual pelo menos duas formações discursivas estão dispostas, isto é, se correlacionam e que, por sua vez, são significativas para que o discurso seja entendido.

Já o *ethos* definido por Maingueneau (2004) é uma imagem de si no qual o enunciador constrói um retrato/imagem que será projetada para seu alocutário. Para que isso aconteça é necessário que haja “um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio histórica” (MAINGUENEUA, 2008, p. 17).

Nesse contexto, pensar em *ethos* é similarmente considerar que a enunciação está inerente ao público e o seu *ethos* será construído antes mesmo que o enunciador fale. Nesse sentido, pressupõe que esse enunciador se reveste de uma voz e de um corpo enunciante inerente. Assim, pode-se dizer que os discursos sejam eles orais ou escritos se “manifestam numa multiplicidade de ‘tons’, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo do enunciador a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação”.

Maingueneau (2008) observa que o *ethos* discursivo se inscreve num quadro da Análise do Discurso de vertente francesa que vai além da proposta da retórica antiga, mas sem romper totalmente com a concepção aristotélica. Por isso, compreender o *ethos* proposto por Maingueneau é perceber as várias imagens que são construídas em uma comunidade discursiva, seja esse campo discursivo verbal ou não verbal, já que o *ethos* é uma boa impressão que deve ser causada pelo orador na cons-

trução do discurso (MAINGUENEAU, 2005).

Embora o ethos discursivo proposto por Maingueneau se assemelhe em alguns pontos com o de Aristóteles, em outros pontos eles se divergem em algumas asserções, uma vez que Maingueneau (2005) conceitua o ethos como: ethos pré-discursivo, ethos dito e ethos mostrado. Como corrobora o próprio Maingueneau (2005, p.180).

O ethos de um enunciador resulta da interação de diversos fatores: ethospré-discursivo, ethos discursivo (ethos mostrado), mas também dos fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (ethos dito) – diretamente ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas da fala, por exemplo. A distinção entre ethos dito e mostrado se inscreve nos termos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado”.

Deste modo, tanto o ethos dito como o mostrado se inserem em uma conjuntura ampla e variada, seja ela de caráter oral ou escrita. Por isso todo o texto, seja ele escrito ou não, emana uma vocalidade que mostra uma multiplicidade de tons, e esses por sua vez estarão associados a um fiador. Nesse caso, o “fiador por meio da fala, confere a si mesmo uma unidade compatível com o modo que ele deverá construir em seu enunciado”. (MAINGUENEAU 2013, p. 108).

### **3 A Figura de Padre Cícero Romão**

Recriar os caminhos percorridos por Padre Cícero Romão Batista é buscar junto à história vestígios que o tempo por mais remoto não apagou. Dentro desse sustentáculo, Padre Cícero Romão Batista, popularmente chamado pelos fieis de Padre Cícero ou Padim Ciço, nascido em 24 de março de 1844, é uma figura lendária não só na cidade do Crato-CE, mas em todo no nordeste brasileiro, já que uma boa parte dos que aqui habitam já ouviram falar nos feitos de Padre Cícero.

É bem verdade, que desde pequeno Padre Cícero já se interessava



por assuntos ligados à religiosidade, talvez pelo fato da mãe Dona Quinô seguir os preceitos divinos. De acordo com Lira Neto (2009, p.28) o interesse pelos assuntos religiosos se dá ainda na infância.

Mas, segundo o próprio Cícero dizia, a vocação religiosa revelara-se para ele bem antes. Um livro que lhe caíra nas mãos aos doze anos de idade teria mudado, desde de então, os rumos de sua vida. Foi o momento de sua hierofania, o instante em que o sagrado se manifestou a ele pela primeira vez.

Dentro desse sustentáculo é possível analisar a trajetória religiosa de Padre Cícero como sendo uma escolha sua, fruto das suas próprias convicções, e é claro fruto do grande fascínio que tinha pelas pregações do Padre José Antônio Pereira Ibiapina, mas conhecido como Mestre Ibiapina, fundador da ordem sertaneja dos beatos e beatas do sertão. É possível identificar tamanho fascínio, ao compararmos as vestes que Padre Cícero passará a usar depois de ordenado, praticamente, idêntica as vestes usadas pelo Padre Antônio Pereira de Ibiapina em suas pregações, “uma túnica escura e comprida até o chão”. (LIRA NETO, 2009, p.28).

Nessa perspectiva, quando observamos as histórias que circundam Padre Cícero durante a sua infância e adolescência, percebemos que o jovem garoto apesar do enorme fascínio pelas questões religiosas enfrentou vários percalços até se ordenar. Primeiro, teve que sair do seminário na cidade de Cajazeiras - PB devido à morte de seu pai, logo depois teve que enfrentar a tempestuosa índole do Padre Chevalier, responsável pelo seminário de Prainha na cidade de Fortaleza – CE. No entanto, em meio aos percalços, e algumas desobediências, Padre Cícero em 30 de novembro de mil oitocentos e setenta recebe a ordenação.

No entanto, não é por meio desse escopo teórico que gira em torno da ordenação de Padre Cícero que surgem os grandes feitos de sua história, dado que é após a sua volta ao Crato-CE que os milagres do mais novo egresso do seminário começam a surgir. Como corrobora Della

## Cava acerca da possível premonição de Padre Cícero.

Um sonho, entretanto, veio alterar, de súbito, os seus planos (...) Ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial (...) Aí no quarto contíguo à sala de aulas, caiu no sono e a visão fatal se revelou. 13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a última ceia, de Leonardo Da Vinci. O padre sonhou, então, que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viram-se para olhar o Mestre (...) Cristo apareceu na escola tal como no retrato litúrgico popular do século XIX, e que se encontrava em quase todos os lares piedosos da época. Conhecido como Sagrado Coração de Jesus. Nesse quadro, o coração Nazareno está visivelmente exposto e, simbolicamente, representado como que inundado de amor pelos homens e, também, despedaçado e sangrando das feridas infligidas pelos pecados da humanidade e pela indiferença à fé (...) Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inúmeras ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração (...) Naquele momento apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente, para o jovem sacerdote, ordenou: “E você, Padre Cícero, tome conta deles”. (DELLA CAVA 1976, p. 26).

São trechos históricos como este que elaboram a áurea mística de Padre Cícero e o tornam ícone do sertão nordestino. É em torno dessa áurea mística também que as histórias dos possíveis milagres do padre começam a ser narrados, como por exemplo, o provável milagre da transmutação da hóstia em sangue, ocorrido com a beata Maria de Araújo em primeiro de março de mil oitocentos e oitenta e nove.

Com o véu escuro sobre a cabeça e o alvo rosário entrelaçado nas mãos magras e morenas, as beatas atenderam o chamado e se aproximaram em fila indiana, uma a uma. À frente delas, ia Maria de Araújo. Com os olhos fechados, ela foi a primeira a se postar diante do padre e entreabri a boca, contrita. Contudo, quando a hóstia lhe tocou a língua, a beata abriu e revirou os olhos espantados. Parecia ter entrado em estranho transe. E foi então que se deu o fenômeno: segundo chegariam a jurar sobre a Bíblia as testemunhas ali presentes, a hóstia

na boca de Maria de Araújo mudou de forma e de cor.  
Transformou-se, inesperadamente em sangue e vinho.  
(LIRA NETO 2009, p.65).

Nesse recorte, notam-se as conjunturas históricas que serviram de base para elaborar junto ao povo nordestino a possível santidade de Padre Cícero, já que o possível feito seria considerado pela população como um milagre que seria propagado rapidamente.

De acordo com Potier (2013, p. 174) o cordel tem grande responsabilidade pela gradual ressignificação da figura desse homem religioso e político poderoso, contribuindo com a “deformação” e com a atualização das histórias sobre seus feitos. Nessa perspectiva, a figura de Padre Cícero se reconstrói mediante as várias publicações de cordel, uma vez que esse gênero literário traz em muitas das suas publicações relatos de milagres e premonições.

Nesse cenário, que baliza a Literatura de Cordel, João Martins de Athayde é líder por escrever e editar inúmeros cordéis acerca de Padre Cícero. De acordo com Potier (2013, p. 171) Athayde contribuiu não apenas para afirmar e cristalizar a áurea de santidade que pairava sobre o padre, como também ajudou a fazer com que este se consolidasse com personagem mais recorrente da Literatura de Cordel.

De acordo com os relatos históricos bem como os relatos registrados nos folhetos de cordel, Padre Cícero tinha ligação com o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião. Como destaca o poeta popular João Martins de Athayde nos versos a seguir do cordel que tem por título Entrada de Lampião na Cidade de Padre Cícero:

Assim naquela atitude  
Rosto firme, olhar insano  
Quem o visse não dizia  
Ser um ente desumano  
Prestava atenção em tudo  
Com o caráter sisudo  
Parecia um soberano

O repórter perguntou

A Lampião a sua idade  
Tenho vinte e sete anos  
Com toda a sinceridade  
Sinto-me bastante forte  
Não tenho medo da morte  
Nem fujo da autoridade.

Dito isto, entende-se que Lampião tinha grande apreço a Padre Cícero, já que “enfeita-lhe o peito, comprido com lenço de cores vivas, atado no pescoço por grande e vistoso anel, deixando ver ao esvoaçar das pontas, medalhas de Padre Cícero, breves, bentinhos e rezas que lhe fecham o corpo, resguardando-o das balas”. (RANULFO 1980, p.29). É nessa perspectiva que Lampião era temente a Padre Cícero, a quem rendia obediência religiosa. Além disso, lutara em defesa de Juazeiro, contra a Coluna Prestes. Nesse intento, o cenário de guerra instaurado em Juazeiro - CE passa a ser um fato narrado e recontado em xilogravuras populares que adornariam inúmeras capas de folhetos de cordel. (LIRA NETO 2009, p.477).

#### 4 Literatura de Cordel

O cordel apesar de ter traços genuinamente nordestinos não tem sua origem aqui no Brasil, muito pelo contrário, este chegou aqui a bordo das primeiras caravelas. Segundo Abreu (1985) a Literatura de Cordel em sua forma original, isto é, as canções populares construídas em versos têm origem portuguesa e graças à dinâmica da colonização chega ao Brasil a bordo das primeiras caravelas. Para Peregrino (1984, p.13) é possível definir a Literatura de Cordel em quatro características básicas, “apresentação em folhetos típicos; conteúdo de garantido interesse popular; comercialização sob forma peculiar (mercados e feiras, predominante sob pregação oral); baixo preço de venda”.

A expressão “cordel” se dá pelo modo como os folhetos eram expostos nas feiras livres, geralmente pendurados em cordas ou barbantes. Vale ressaltar, que essas composições não eram uma simples forma de expressão literária, mas sim uma forma de comunicação existente na

época. De acordo com Proença (1997, p. 28) “antes que o jornal se espalhasse, a literatura de cordel era fonte de informação que justamente quando começa a disseminar o jornal a literatura de cordel decai”.

No seio desses conceitos, percebe-se que a Literatura de Cordel, se espalhou rapidamente pelo Brasil tornando-se um gênero discursivo, no entanto, é claro sem perder suas características tipicamente peculiares, como corrobora Barroso (2006).

Penso que o hábito de decorar histórias, dos cantos de trabalho, as cantigas de embalar e toda sorte de narrativas orais trazidas pelos colonizadores vão sedimentando, na cultura brasileira, o costume de cantar e contar histórias, de guardar na memória os acontecimentos da vida cotidiana. Assim, pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mais especificamente na região Nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito peculiares. (BARROSO, 2006, p. 22).

Por essa colocação vê-se que a Literatura de Cordel desenvolvida aqui no Brasil teve grande influência das diásporas sertanejas e das canções trovadorescas existentes na Península Ibérica, embora aqui no Brasil, bem diferente do que ocorria da Península Ibérica, a Literatura de Cordel não era restrita apenas ao universo familiar e às classes menos favorecidas.

Concomitante a essas colocações, no fim do século XIX a Literatura de Cordel segundo Haurélio (2010, p.07) tem suas primeiras impressões, tendo como percursores os poetas Silvino Parauá de Lima, Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde, poetas conhecidos como formadores da “Geração Princesa” do cordel, fixando-se assim no Nordeste brasileiro, mas especificamente nos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará.

Faz-se necessário ainda perceber que a marca característica do Cordel é sua apresentação em folhetos confeccionados em papel-jornal

cujo número de páginas é geralmente múltiplo de quatro, com intuito de facilitar a impressão e montagem. Entretanto, nos primórdios os folhetos eram intitulados de acordo com o número de páginas. Até oito páginas chamava-se folheto, os de dezesseis páginas eram considerados romances e os de trinta e duas páginas eram chamados de história. Além dessas características básicas, o que veio a acrescentar nas obras foi o surgimento da xilogravura, que integra o folheto, caracterizando-se por ilustrar a capa da narrativa.

Hoje, na superfície do mundo contemporâneo pensar em Literatura de Cordel é considerar que a impetuosidade do tempo não silenciou uma das mais puras manifestações populares. Perceber isso nos faz enxergar que o cordel é uma expressão popular que está viva e que por isso sofre constantes mudanças e adaptações (FARIAS, 2004).

Com isso, o Cordel surge com adaptações tanto visual como textual. Para Amorim (2008) são as novas formas de expressão da poesia popular cordelística que faz emergir o “neocordel”. Por isso Luyten (2005, p. 70) afirma:

Essa poesia, a literatura de cordel, ao longo dos anos sofreu uma mudança, não na sua estrutura, mas na sua essência. Antigamente, era portadora de anseios de paz, de tradição, e veículo único de lazer e informação. Hoje, é portadora, entre outras coisas, de reivindicações de cunho social e político. Não somente para os nordestinos e descendentes, mas para todos os habitantes do Brasil, por isso ela continua importante, pois os poetas populares, por meio dela, mostram a verdadeira situação do homem do povo.

Nesse sentido, o “neocordel” ultrapassa o seio rural e aflora no meio midiático através dos meios de comunicação em massa trazendo temas inovadores e polêmicos na sua estrutura, bem como temos religiosos, já que de acordo com Costa (1998) uma das figuras mais relevantes da Literatura de Cordel é o Padre Cícero Romão Batista.

## **5 A figura de Padre Cícero na Literatura de Cordel: Iterdiscuro e Ethos**

A partir de agora aplicaremos alguns conceitos da Análise do Discurso de vertente francesa, sobretudo as categorias de análise, interdiscurso e ethos, tendo como base teórica os estudos de Dominique Maingueneau. É pertinente esclarecer que o corpus desse estudo foi retirado do Museu de Cultura Sertaneja, localizado no Campus Prof<sup>a</sup>. Maria Elisa de Albuquerque Maia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros-RN. É pertinente esclarecer ainda, que o Museu de Cultura Sertaneja tem um dos maiores acervos de cordel do país, no entanto, para as nossas análises utilizaremos apenas dois exemplares, que são clássicos da literatura de cordel, são eles: Milagre do Padre Cícero, Homenagem ao 1º Cinquentenário escrito por Severino José da Silva em 1984, Padrim Cícero, o Cearense do século, da cordelista Josefa Costa dos Santos(1963).

### **5.1 Interdiscurso**

Em meio ao campo de teorias que perpassam tanto as questões linguísticas como as sociais, é necessário pensar nos inúmeros sujeitos que estão ancorados nos mais diversos discursos e que por sua vez se constituem na sociedade. De acordo com Maingueneau (2000, p. 05), esses discursos constituintes definem um espaço em processo de estabilização de pesquisa com fronteiras estabelecidas. Assim, esses discursos têm uma função social que passa a ter sentido quando posto na coletividade. Atítulo de exemplificação podemos citar os discursos políticos e religiosos.

Tentando buscar os jogos enunciativos disseminados no discurso Maingueneau propõe o primado do interdiscurso. “O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada a incorporar elementos reconstruídos produzidos fora dela, com elas provocando sua redefinição e redirecionamen-

to”. (MAINGUENEAU, 1989, p.113). Ainda de acordo com Maingueneau (2008), o interdiscurso divide-se em três grupos, são eles: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. No universo discursivo “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos interagem em uma conjuntura” (MAINGUENEAU, 1997, p.116). E ainda pode ser reconhecido como um espaço no qual se compõe a partir do retorno entre o tempo e a história.

Nota-se essa retomada da história, bem como a caracterização do universo discursivos nos versos que seguem:

Fui até a Pirofera  
em companhia de São João  
lá eu vi tanto clarão  
que cheguei a trasmudar  
ninguém pode me calar  
do que eu vi entre o calor  
por ser um trovador  
do Moisés dentro do mar.  
Fogareú, água a rolar  
no meio da tempestade  
lá estava a majestade  
para esta deifração...  
venha cá o Abrão  
leia bem nesse lampejo  
do Danúbio para o Tejo  
Está cheio de Enganação. (Abrão Batista, 1998, p.01)

Nota-se que no discurso do enunciador os fatos históricos são narrados, assim como os personagens históricos que transcendem a história, ou seja, Moisés e Abrão. Nesse intento, é notório que a literatura de cordel, por ser um gênero épico, como prepondera é capaz de desenvolver uma reflexão filosófica do homem com o mundo. Assim, Batista (1998) se reporta às figuras históricas para endeusar a áurea mística de Padre Cícero Romão, já que ele é a figura religiosa cujo o nome é mais citado na poesia folclórica. Assim, o universo apresentando no folheto de cordel é um universo discursivo no qual os “enunciados constituem o arquivo de uma época”. (MAINGUENEAU, 1997, p.116).



Partindo da noção de que o discurso só passa a ter sentido quando este está submerso no interdiscurso, podemos observar que Abrão Batista (1998) se apropria de um interdiscurso para articular os seus versos, vejamos:

A não saber, é ilusão  
O falar da profecia  
A pureza de Maria  
e o valor duma oração  
vi contrito Absalão  
por trair seu pai e rei  
ao contrário, indaguei  
do africano e alforria (Abrão Batista, 1998, p.04)

Há então nesses versos uma voz, um discurso, que não é de Abrão Batista (1998), pois a partir dessa mobilidade discursiva o cordelista constrói o interdiscurso. Por exemplo, quando cita a pureza de Maria está se referindo ao suposto milagre de transmutação da hóstia sagrada em sangue ocorrido em primeiro de março de mil oitocentos e oitenta e nove em Juazeiro do Norte – CE.

Com o véu escuro sobre a cabeça e o alvo rosário entrelaçado nas mãos magras e morenas, as beatas atenderam ao chamado e se aproximaram em fila indiana, uma a uma. À frente dela, ia Maria de Araújo. Com os olhos fechados, ela foi a primeira a se postar diante do padre e entreabrir a boca, contrita. Contudo, quando a hóstia lhe tocou a língua, a beata abriu e revirou os olhos espantados. Parecia ter entrado em estranho transe. E foi então que se deu o fenômeno: segundo chegariam a jurar sobre a Bíblia as testemunhas ali presentes, a hóstia na boca de Maria de Araújo mudou de forma e de cor. Transformou-se, inesperadamente, em sangue vivo. (LIRA NETO, 2009, p.65).

Nestas ressonâncias de vozes, percebe-se que os discursos foram retomados, havendo assim, uma relação interdiscursiva, apresentada entre um discurso e outro. Nesse sentido falar em interdiscurso é entender “sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações

desse discurso com o seu Outro” (MAINGUENEAU, 2007, p. 38). Porém, essa interdiscursividade só é possível por dois fatores: 1) o cordel também é fruto da oralidade; 2) o interdiscurso é um espaço discursivo que mantém relações de delimitação recíproca com outros discursos (MAINGUENEAU, 2016, p.286).

Ainda de acordo com Mainguenau (2008) o universo discursivo se caracteriza pela gama de discursos, bem como as suas diversas funções na sociedade. Nesse intento, o universo discursivo constitui-se com base nos recortes temporais e espaciais. Assim, “a identidade de um discurso se constrói e se alimenta através de outros discursos”. (MAINGUENEAU, 2000, p. 05).

É possível encontrar essa identidade discursiva de Padre Cícero dentro dos versos de cordel que seguem:

ele é filho do Crato  
pai de juazeiro  
foi prefeito e professor  
e foi um bom conselheiro  
ele é conhecido  
quase em todo mundo inteiro

meu Padrim desde pequeno  
que milagre já fazia  
todos ficavam querendo  
saber o que acontecia  
o chapéu era botado  
na parede e não caia. (Santos, 1963, p. 02)

Há, nesse sentido uma identidade que é criada para Padre Cícero, uma identidade discursiva que dialoga com outros discursos, discursos estes que se constituíram na sociedade, a partir dos feitos de Padre Cícero, feitos esses que são contatos pelos próprios devotos de Padre Cícero, como por exemplo, o feito de fixar o chapéu na parede, como evidencia Lira Neto (2009, p.38).

[...] quando jovem, Cícero conseguia ler da janela do seminário o letreiro dos navios ancorados no alto-mar a quilômetros de distância. Também havia quem jurasse

que na falta de cabide apropriado o padre já conseguira a proeza de fixar o chapéu, como que por encanto, em plena parede lisa. E não faltava quem repetisse que Cícero sabia respirar até debaixo d'água: certa vez, nos tempos de seminário, teria se mostrado capaz de mergulhar no mar de Fortaleza e permanecer submerso por um tempo tão grande que os colegas, assustados, chegaram a dá-lo como morto.

Como se vê, os feitos de Padre Cícero quando adolescente perpassam o tempo e são recontados nos versos de cordel, igualmente a existência dos possíveis milagres ou feitos sobrenaturais fazem do Padre Cícero figura lendária do nordeste brasileiro, assim como da literatura cordelística, o que o torna cânone da literatura de cordel.

## 5.2 Ethos discursivo

De acordo com Amossy (2008, p. 09) todo “ato de tomar a palavra implica uma construção de uma imagem de si”. Amossy (2013, p.221) ainda afirma que as imagens discursivas são ancoradas em “estereótipos”, isto é, em um arsenal de representações coletivas que determinam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura.

Diante do exposto, Maingueneau (2008) ainda apresenta sua concepção pessoal acerca do ethos.

“- o ethos é uma noção discursiva, que se constrói através do discurso, não é uma ‘imagem’ do locutor exterior a sua fala; o ethos é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro; é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva). (MAINGUENEAU 2008, p.17).

Essa noção de ethos, trazida por Maingueneau para a Análise do Discurso se faz presente na materialidade dos versos que seguem.

O Padre Cícero nasceu  
No Crato ali bem vizinho  
Cresceu, estudou, foi padre

não se afastou do caminho  
quando veio a Juazeiro  
começou a chegar romeiro  
lhe chamando meu padrinho (José da Silva, 1984, p.63)

A descrição feita à cima demonstra que o ethos de Padre Cícero, é um ethos pré -construído, pois mesmo o auditório, possivelmente, sabendo que Cícero nasceu na cidade do Crato – CE e que mesmo seguindo os caminhos religiosos, o enunciador evidencia a imagem de Cícero, construindo sempre, é claro, uma boa impressão do padim cico. Nesse intento, há uma visão pré-estabelecida, ou seja, o ethos já havia sido construído pelo público bem antes da enunciação. Evidencia-se isso, pois o discurso de Silva (1984) é um discurso carregado de valores, que não emana dele, mas de toda a comunidade que viveu na cidade de Juazeiro-CE, e que de certa forma intervinha a Padre Cícero.

Em torno da figura do padre gira certo misticismo, talvez por isso foram produzidos tantos folhetos de cordel sobre essa figura lendária. Passado, praticamente, um século dos seus feitos, Padre Cícero ainda continua sendo líder de vendas na literatura de cordel, como se observa existe uma forma de vida humana interminável. A imortalidade de Padre Cícero é percebida nos trechos a seguir:

O Padre Cícero Romão  
é mais que ouro maciço  
ensinou a rezar o rosário  
e acabar com o vício  
Nossa Senhora mandando  
e os romeiros chegando  
para ouvir padrinho Cícero(José da Silva, 1984, p.63)

A partir desse trecho, nota-se que o ethos da figura de Padre Cícero se constrói e é construído a partir dos movimentos religiosos de Juazeiro. Nesse intento, percebe-se ainda que a imagem de Padre Cícero é estereotipada, de padre passa a ser santo, aclamado por todos os seus afilhados. Quando se traçam meios de entendimento, nota-se que fatos indissociáveis narram os feitos históricos do vigário. “Juazeiro era uma vila/Passou logo para cidade” (SILVA, 1984, p.02). Nesse caso, o enun-

ciador atribui o desenvolvimento de Juazeiro aos milagres e aos poderes sobrenaturais de Padre Cícero.

Ainda de acordo com Maingueneau (2008, p. 15-16) o ethos pode se caracterizar da seguinte forma:

o ethos está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações do ethos do enunciador antes mesmo que ele fale. Parece necessário, então, estabelecer uma distinção entre ethos discursivo e ethos pré-discursivo. [...]. Uma outra série de problemas advém do fato de que, na elaboração do ethos, interagem fenômenos de ordens muito diversas: os índices sobre os quais se apoia o interprete vão desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual, passando pelo ritmo e a modalidade. O ethos se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do interprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente.

Portanto, Para Maingueneau (2008) o conteúdo enunciado também pode ser construído pelo público enunciador, como nos versos a seguir:

Meu Padrim recebia  
todos com muita atenção  
e as pessoas gostavam  
de beijar a sua mão  
e ele sempre dizia  
Deus te abençoe meu irmão

Ele ficava pensando  
E dizia ou que guerra  
Parece que estou vendo  
o povo brigando por terra  
e vocês fiquem sabendo

que ainda vem as trevas

E as pessoas diziam  
meu Padrim vou viajar  
vou deixar minha família  
depois eu mando buscar  
trabalho de noite e dia  
e não dá pra sustentar (Santos, 1963, p. 04)

Esse fragmento do cordel evidencia um discurso que não é da cordelista, Santos (1963), pois trata-se de um discurso de uma coletividade, de um grupo de indivíduos que acredita nos feitos sobrenaturais de Padre Cícero. Isto é, trata-se de ethos discursivo, no qual o enunciador a partir dos versos de cordel evoca o ethos pré-estabelecido.

Seguindo as bases teóricas que norteiam esse estudo, se verifica que a identidade de Padre Cícero na literatura de cordel se constrói em um espaço sócio discursivo, assim como o seu ethos. Para Maingueneau (2000, p. 11), esse ethos é uma forma de linguagem que se constitui em uma identidade e ao mesmo tempo um lugar enunciativo que procura dar sentido as estruturas sócio discursivas.

## 6 Considerações finais

O pressuposto que norteou esse estudo foi de como se dá a construção do ethos discursivo de Padre Cícero na literatura de cordel. Assim sendo, nesse estudo, interessa-nos particularmente pela investigação dos problemas relacionados ao interdiscurso e ao ethos.

Considerando isso, chegamos as seguintes conclusões: i) o interdiscurso se faz presente nos cordéis analisados, o que torna possível um diálogo entre o presente e o passado, uma vez que o discurso perpassa a história e o cordel por ter caráter híbrido incorpora inúmeras temas, ou seja, une o popular e o erudito; ii) o ethos Discursivo de Padre Cícero é um ethos pré-construído, uma vez que a imagem do Padre Cícero é elaborada pelos fieis, e principalmente, pelos romeiros que frequentam a cidade de Juazeiro – CE. No entanto, é preciso deixar claro também que só é possível fazer essa análise no corpus porque se trata de uma literatura de fácil acesso, e que é capaz de incorporar temas religiosos, como, por exemplo, a vida de Padre Cícero.

Por fim, acredita-se que esse estudo pode vir a servir de referência para os pesquisadores da área da análise do discurso de vertente francesa e para os estudiosos da área da literatura, sobretudo a literatura

popular. No entanto, é pertinente deixar claro que esse estudo que ora se apresentou não esgota a análise do tema, assim outras investigações podem ser feitas com esse corpus.

## Referências

- AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: *Imagens de Si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2016.
- BATISTA, A. *Cinco respostas para cinco perguntas sobre Padre Cícero*. Juazeiro do Norte: Ed do autor, 1998.
- CARVALHO, G. de. *Milagre do Padre Cicero*. In: *Severino do Horto: o Cordel do Juazeiro*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.
- CHARADEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- DELLA CAVA, R. *O Milagre em Juazeiro*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1976
- HOLANDA, A. *O fantástico mundo do cordel*. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.
- LUYTEN, J. M. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3 ed. Campinas/SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Analisando discursos constituintes*. Tradução de Nelson Barros da Costa. *Revista do GELNE* Vol. 2 No. 2 2000.
- MAINGUENEAU, D. *Análises de texto de comunicação*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- NETO, L. *Poder, Fé e Guerra no Sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PRATA, R. *Lampião*. 2.ed. São Paulo: Ed. Traço. 1980.
- POTIER ROBSON, W. *O Sertão virou verso, o verso virou sertão*. Natal: Sol, 2013
- SLATER, C. *A vida no barbante. A literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.